

Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | *severinofrancisco.df@dabr.com.br*

Beth Carvalho

Em clima de carnaval, fui até o Cine Brasília para assistir ao filme *Andança — Os encontros e memórias de Beth Carvalho*. Não é um documentário convencional, porque a própria Beth era uma cineasta amadora, que registrou, nos mais variados formatos, alguns dos momentos mais preciosos de sua vida. Beth Carvalho era a grande mãe agregadora, generosa, benfazeja e propiciadora do samba.

A história de Beth se mistura com a história da melhor tradição do samba. Ela teve como grande inspiração feminina a figura de Clementina de Jesus, que, quando cantava, instalava a África no Brasil. São pungentes os encontros com Cartola e Nelson Cavaquinho, que ela filmou.

Cartola lhe mostrou *As rosas não falam* e *O mundo é um moinho*, mas fez a ressalva que a primeira era para ela cantar, mas a segunda não. Errou feio, Beth cantaria lindamente as duas e espalharia a beleza das canções de Cartola. Beth tinha medo, mas enquadrou Nelson Cavaquinho para participar do *Projeto Pixinguinha*. E Nelson aceitou as ordens dela com reverência.

No entanto, a conexão dela não era somente com a velha guarda, mas, também, com as (então) novas guardas. Nas rodas de pagode das escolas de samba, ela revelou os, na época, anônimos Zeca Pagodinho, Jorge Aragão e Almir Guineto. Levou as batucadas de fundo de quintal para os grandes palcos.

Não era uma celebridade deslumbrada do mundo da música. Tinha uma aguda consciência social e disposição para a luta. Falava e brigava pelos direitos dos músicos. Dizia que os sambistas eram malandros no morro, mas, quando desciam para a cidade, dançavam nas mãos dos espertos. As cantoras ficavam ricas, mas os compositores permaneciam pobres.

Ao fim do filme, o que reponta é uma brasileira extraordinária, uma mulher à flor da pele, uma artista de grande sensibilidade e de rara humanidade. A quem não faltou humor até nos momentos mais dramáticos. Na etapa final da vida, ela viveu instantes muito difíceis, com a saúde abalada e com longas temporadas no hospital.

Mas nunca abriu mão da sua arte. No último show, ela cantou em uma cama, depois de ser transportada do hospital para o palco em uma cadeira de rodas. Perdeu a saúde, mas não o senso de humor. "Não estou conseguindo cantar na cadeira, terei de cantar na cama. Mas não teve na cama com Madona. Agora, é na cama com Beth Carvalho".

Depois de um show arrebatador de uma multidão, Beth Carvalho é perguntada sobre o que falta para o reconhecimento da cultura brasileira, e ela responde: "Falta brasilidade". O repórter insiste: "E o que é brasilidade?". Beth, a branca mais preta do Brasil, esclarece: "É negritude".

No encerramento da sessão, enquanto passavam os letreiros com os créditos da fita, percebi que as cortinas da saída se descerraram e a funcionária do Cine Brasília que havia aberto a vedação não resistiu e caiu no samba, ao ouvir a música de fundo: "Você pagou com traição/a quem sempre te deu a mão/Não vou chorar..."

Do início ao fim, chorei as tais lágrimas de esguicho de Nelson Rodrigues. Quem está com saudades do Brasil não pode perder esse filme, que continua em cartaz no Cine Brasília. Sem nenhuma pretensão, é uma aula de brasilidade. É puro Brasil concentrado em forma de samba.

Problemas recorrentes com o Bloco dos Raparigueiros podem levar tradicional grupo a não sair nos próximos anos

Segurança será repensada

» SUZANO ALMEIDA

Fotos: Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Policiais militares revistam foliões em busca de objetos perfurocortantes. Grande número de participantes foi problemática deste ano

O contraste da alegria do carnaval e a violência se repetiu no Distrito Federal. O Bloco dos Raparigueiros registrou episódios lamentáveis de violência. Segundo balanço da Secretaria de Segurança Pública (SSP-DF), ao menos 10 pessoas foram atendidas, vítimas de objetos perfurocortantes. Furtos e tentativas de latrocínio também deram a tônica das ocorrências.

Se comparado a 2019, houve queda nas ocorrências. Naquele ano, quando o bloco se encontrou no Eixo Monumental com a Baratona, foram 12 esfaqueados, de acordo com a Polícia Militar. Ainda assim, o medo tomou conta da folia.

A sensação de insegurança vai de encontro ao que foi planejado pelo Governo do Distrito Federal, que montou a Cidade da Polícia, ao lado da Torre de TV, com o intuito de reduzir problemas de segurança durante a folia. Integrados, polícias militar e civil, Corpo de Bombeiros, DF Legal, entre outros, participam do monitoramento das festas, buscando no menor prazo possível dar resposta aos casos de violência.

Com o policiamento no local, foram registradas 75 ocorrências por furtos — a maioria, de celulares —, nove roubos, cinco casos de lesão corporal, duas tentativas de latrocínio e uma de homicídio. Não houve registro de crimes de violência sexual, segundo a Secretaria de Segurança Pública.

O número de armas apreendidas também foi grande. A Polícia Militar registrou a apreensão de 27 facas e uma arma de fogo, desde o sábado (18/2). Drogas, canivetes, tesouras assustaram pela quantidade.

De acordo com o GDF, as linhas de revistas começaram ainda na Rodoviária do Plano Piloto, de onde chegou a maioria dos foliões. Entretanto, o fato de as pessoas chegarem por todos os lados e o bloco ocorrer em um espaço aberto, dificultou a ação preventiva das forças de segurança.

"O Raparigueiros é um bloco que se notabiliza por esses episódios, inclusive, marcados pelas redes sociais. Tínhamos um grande número de policiais, fizemos várias linhas de revista que apreenderam 27 facas e outros objetos. A polícia coibiu o que poderia ter sido um número ainda maior de ocorrências de violência. É inviável que esse bloco continue da forma que está. Vamos reavaliar se eles permanecem saindo dessa forma ou se vão para um lugar fechado", declara o secretário de Segurança Pública, Sandro Avelar. "Se eles continuarem, precisamos levar o bloco para um local onde tenha apenas uma saída e uma entrada."

O presidente da Bloco dos Raparigueiros Zanata Gregório se isenta da responsabilidade. Segundo ele, a estrutura dada foi para um público de 30 mil pessoas, mas o evento recebeu mais de 100 mil, no domingo.

"Conversamos com todos os órgãos e o Ministério Público. Recebemos FAC (Fundo de Apoio à Cultura) para 30 mil e contratamos toda a estrutura. Não posso proibir o público de participar. O evento começou às 17h. Não teve revista. Uma coisa é na revista pegar as facas, outra coisa é encontrar elas já no meio do público. Ninguém leva o público que nós levamos", afirma Zanata Gregório.

Segundo o presidente, as brigas não deveriam ser motivo para o fim do bloco. Ele propõe novas conversas e a criação de um circuito de bloco com mudança de local. "Estamos sendo penalizados, mas, se não dá para ser assim, vamos precisar rever."



Com 10 ocorrências de violência por arma branca, grupo entra na mira do Governo do Distrito Federal

Violência

Desde sábado, início do esquema de segurança do carnaval, a Polícia Militar do Distrito Federal registrou ao menos três esfaqueamentos e uma tentativa de feminicídio.

Ontem, um jovem de 20 anos foi esfaqueado no ombro e na perna. Ele foi encontrado no meio da rua e socorrido com vida pelo Corpo de Bombeiros. Os militares o levaram para ser atendido no Hospital Regional de Taguatinga (HRT), consciente.

No sábado, Marcos Antônio Ribeiro, 25, foi assassinado no estacionamento do Hospital de Santa Maria. Enquanto esperava uma amiga receber alta médica, o jovem se desentendeu com um rapaz de 17 anos e acabou esfaqueado no peito, nos braços e na barriga. Marcos chegou a ser socorrido. A Policia Militar prendeu dois suspeitos.

No domingo, uma briga terminou com a morte de Marcos Antônio Santos Araújo, de 49 anos, na feira de Santa Maria. Segundo uma testemunha, o mecânico teria chegado com a namorada do suspeito.

Diante dos recentes fatos, o secretário Sandro Avelar pondera que a maior parte do efetivo policial está empenhado na segurança do carnaval, o que não exime a segurança nas regiões administrativas, que, segundo ele, está sendo feita. O chefe da Segurança Pública, por sua vez, lamenta o ocorrido e destaca que o efetivo, desde sua primeira passagem pela pasta, foi reduzido. "A população cresceu muito e esse período sacrifica nossas forças. Quando eu assumi em 2011 tínhamos 15.670 policiais militares, agora, temos pouco mais de 10 mil."

Desconfiança

O Distrito Federal vive dias de suspeição em sua segurança pública. Após ataques terroristas aos prédios dos três poderes, em 8 de janeiro, o governo federal realizou intervenção na segurança pública do DF. O comando das forças policiais passou às mãos de um interventor.

Após o período, Sandro Avelar foi o escolhido para o cargo de secretário de Segurança Pública. Diante de possíveis ameças de federalização e de olhos vivos sobre o Distrito Federal, o chefe do órgão avalia como positiva a atuação. "Teremos mais de 1 milhão de pessoas nas ruas. Estamos demonstrando eficiência. Teremos resultados melhores do que em anos anteriores", garante.

» Tentativa de feminicídio

Um homem foi preso, ontem, por tentativa de feminicídio após esfaquear e ameaçar uma mulher dentro de uma festa, no Setor de Oficinas do Riacho Fundo I. A vítima foi encaminhada ao Hospital Regional de Ceilândia (HRC) e o suspeito conduzido à 27ª Delegacia de Polícia (Recanto das Emas).

O **Correio** vai promover debate sobre uma questão que tem preocupado bastante a sociedade pela onda crescente no Distrito Federal e no país: a violência contra as mulheres. O seminário intitulado *Combate ao feminicídio: uma responsabilidade de todos* será realizado no auditório do **Correio**, em 7 de março, das 14 às 18h, como forma de contribuir para soluções.